

O ESPAÇO DOMÉSTICO É O LUGAR IDEAL PARA A MULHER? Uma referência discursiva

CLAUDIA APARECIDA AVELAR FERREIRA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

FABIANA DE FÁTIMA MATOS QUEIROZ RIBEIRO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC MINAS)

O ESPAÇO DOMÉSTICO É O LUGAR IDEAL PARA A MULHER? Uma referenciação discursiva

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão contributiva aos estudos dos processos da referenciação, sob a perspectiva interacionista-discursiva, considerando-se as dimensões pragmáticas, textuais e linguísticas de produção de sentidos. De modo particular, pretende-se apresentar recortes analíticos de um corpus enunciado no discurso Homenagem presidencial, Presidente da República do Brasil, Michel Miguel Elias Temer Lulia, emanado no Dia Internacional da Mulher, data comemorativa no dia 8 de março de 2017, na perspectiva da condição da mulher na contemporaneidade. A dimensão discursiva da atividade referencial busca verificar nos enunciados do discurso a partir da proposição: O espaço doméstico é o lugar ideal para a mulher? Que mulher é esta do discurso? É passível um discurso, como tal, em pleno século XXI?

Argumenta-se como pode na contemporaneidade, após décadas de luta do movimento feminista, as mulheres brasileiras se depararem com o espaço privado, como local que elas devem permanecer, como se fosse predestinado a elas. Segundo Volóchinov (2017), qualquer enunciado real, em grau maior ou menor, e de um modo ou de outro, concorda com algo ou nega algo. Todo enunciado responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais. “Todo monumento continua a obra de antecessores, polemiza com eles, espera uma compreensão ativa e responsiva” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 184). Enfim, a situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente ademais, de dentro, a estrutura do enunciado (VOLÓCHINOV, 2017).

E todo posicionamento ideológico reflete e refrata a realidade que se encontra fora dos limites natural e social, portanto, tudo o que é ideológico possui uma significação; ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo; onde há signo, há ideologia. Pode-se perceber que se trata de um sujeito envolvido, social e culturalmente ancorado, por meio da forma mais ou menos objetivada da versão do mundo que suas palavras produzem (VOLÓCHINOV, 2017).

Carvalho Filho (2016, p.137) corrobora Goffman (2011) “os ritos de interação são ocasiões de afirmar a ordem moral e social. Num encontro face a face, cada ator social busca fornecer dele uma imagem valorizada, a “face” ou “valor social positivo que uma pessoa reivindica efetivamente através da linha de ação que os outros supõem que ele adotou no curso do contato particular”.

Entende-se por sujeito todo agente, capaz não somente de “apropriar-se da língua” para agir por meio dela (BENVENISTE, 1989; LOPES, 2004; LOPES, 2017), mas de se constituir como sujeito pela linguagem (FRANCHI, 1992; POSSENTI, 1993; BRONCKART, 1999; LOPES, 2004; LOPES, 2017). E é na análise dos processos constitutivos da referenciação, que os sujeitos constroem, por meio de práticas discursivas e cognitivas, social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo, que sofrem transformações segundo contextos diferenciados.” (LOPES, 2004; LOPES, 2017).

Portanto, os ouvintes, mediante ao discurso do excelentíssimo Presidente, os cabem não receber e não construir de forma passiva a significação (linguística) de um discurso; ao contrário, ele responde ativamente, concordando ou discordando, completando, adaptando, preparando-se para uma ação. Tal atitude responsiva ativa realiza-se a partir de atos que pressupõem a adesão, a objeção, a execução (LOPES, 2004; LOPES, 2017).

O objetivo basilar do estudo foi refletir, a partir de um corpus de um discurso presidencial, modalidade Homenagem, sobre fatores linguísticos-textuais-discursivos imbricados no processo de referenciação e na construção de sentido. E de forma

complementar identificar, por meio de excertos do corpus homenagem presidencial, elementos de uma prática discursiva que reforça o preconceito sobre a posição social da mulher na sociedade brasileira.

Este estudo foi delineado em cinco seções sendo a primeira a introdução seguida do referencial teórico que ressalta a situação da mulher brasileira, os procedimentos metodológicos, os resultados e análises, e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de adentrar propriamente a situação da mulher ressalta-se a importância do marco histórico dos movimentos feministas de caráter emancipatório. Segundo Machado (1994), o movimento feminista tinha como premissa fazer uma crítica ao poder masculino sobre as mulheres e romper lógicas naturalizadas como não aceitar a posição social simbólica de discriminadas e dominadas das mulheres diante aos poderes e saberes dominantes. Já Sarti (2004) reafirma que o feminismo tentou romper a lógica de dominação de gênero e enfatiza que não tem como construir uma lei universal para todas as mulheres, devido as diferenças entre as mulheres, não há uma mulher universal, todas as mulheres ocidentais são iguais entre si, assim como todas as mulheres orientais são iguais entre si.

O feminismo originou-se de um ideal de igualdade e liberdade social, política e econômica entre homens e mulheres (SCAVONE, 2008; SOUZA; SOUZA; SILVA, 2013) e luta contra opressão masculina tendo pautas específicas como sexualidade, aborto, violência, autonomia, direitos civis e políticos (CISNE,2014). Um dos motivos que levaram a este movimento de libertação foi o fato das mulheres sofrerem mais com a precarização do trabalho e serem vítimas das políticas públicas (CISNE, 2014).

No entanto, a baixa representação feminina nos espaços públicos de poder institucional condiz com a responsabilidade das mulheres no espaço privado, o machismo manifesto e o dissimulado na sociedade latina, o assédio sexual e moral no ambiente laboral são alguns desafios sociais e sociológicos que perpassam pela visão de gênero nas pesquisas empírico-teóricas, dando a visibilidade necessária às complexidades sociais, políticas e econômicas da dominação masculina (SCAVONE, 2008). Varikas (2014) ressalta o monopólio dos homens sobre as mulheres seja em casa, no quarto, no trabalho, na rua e em toda vida social.

Akpinar-Sposito (2013) reforça que as mulheres foram criadas para o espaço privado (maior peso voltado para vida pessoal e família) do que para sua carreira induzindo baixa credibilidade pelos pares e sentimento de baixo comprometimento com as organizações. No entanto, o condicionamento masculino foi recompensado para proteger o poder em dicotomia das mulheres para rejeitar o poder. As mulheres tendem a ter maior tempo médio dedicado ao cuidado com os filhos e vida doméstica que os homens (PIRES; FONSECA; PADILHA, 2016; QUATTROCCHI; FLORES; CASSULLO et al.,2017).

A subordinação da mulher e os dons ou habilidades tomadas como características femininas são apropriadas pelo capitalismo, compreendidas como dons naturais e não como trabalho, originam baixo prestígio e desvalorização sociais. À medida que as mulheres compõem o exército de reserva do capital através da execução de trabalhos domésticos como cuidados com os filhos e atividades não remuneradas, elas ressaltam a manutenção de um sistema que as oprimem. A exploração do capital fortalece a reprodução de naturalizações que ocasionam em discriminações, preconceitos e desigualdades (CISNE,2015).

Cisne (2015) enfatiza que a situação da mulher de subalternidade e desvalorização é resultante de uma construção sócio histórica em uma sociedade patriarcal. Na esfera privada, a mulher é responsável pela garantia da reprodução, propiciando a produção em menor custo e na esfera pública é percebida como desvalorizada, subordinada, explorada devido aos baixos salários e sem prestígio no mundo produtivo (CISNE ,2015). Para Cisne (2014), os homens

brancos e heterossexuais tem mais privilégio e pertencem a uma hierarquia social superior que as mulheres, principalmente a mulher negra, pobre e lésbica, devido aos processos de opressões particulares.

A desconstrução da identidade feminina como frágil, intuitiva, abnegada, altruísta, dócil, sensível é uma tentativa de demonstrar sua singularidade não contrapondo as relações de poder, visto que a identidade é manifestada pelos discursos que ordenam as características fragmentadas que leva a feminilidade, que a universaliza e a unifica, induzindo a discriminação (ROCHA-COUTINHO, 2004).

[...] as subordinações e desvalorizações das mulheres e da população negra para atingir maiores lucros com a superexploração das suas forças de trabalho, geralmente, precarizadas e mal remuneradas”. Neste sentido, a “(...) ideologia sexista e racista está intimamente ligada às motivações de lucro capitalista(...). O patriarcado e o racismo representam não apenas ideologias eticamente rejeitáveis, mas também negócio (MIES,1993, p.254; CISNE,2015, p.124).

Enfim, o patriarcalismo ainda persiste na atualidade, e se faz presente na vida de diversas mulheres, mesmo se libertando de suas amarras, as mulheres acabam reproduzindo- o no dia a dia. O patriarcado naturaliza as desigualdades de gênero devido as relações de poder que são hierarquizadas e desiguais e atendem aos interesses da classe dominante. Entende-se por gênero como construção de sentidos socioculturais produzidos para a explicação sobre as diferenças sexuais, tais sentidos mostram que tais relações de poder são assimétricas e desiguais (SCOTT, 1994).

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

A estratégia metodológica utilizada adota técnicas qualitativas, que são definidas por dados de natureza interpretativa e semântica (GONÇALVES; MEIRELLES,2004). Para os fins, a pesquisa descritiva busca evidenciar as características, propriedades ou fatos de determinada população ou fenômenos, estabelecer relações entre variáveis ou analisar os fatos (YIN,1981; GIL,2002,2008). Quanto aos meios, configura-se em categoria e corpus enunciados no discurso homenagem presidencial.

Contextualizando a situação do primeiro discurso do presidente, originado pela assunção ao maior cargo executivo do Brasil, o fato emerge após impeachment da presidenta Dilma Rousseff. O presidente, antes, vice-presidente, apossa ao cargo mediante baixa aprovação pela população brasileira (17%) (COSTA,2017). O presidente é filho mais novo dos nove filhos, cujos pais são libaneses, nasceu no interior de São Paulo, em 23 de setembro de 1940, possui carreira jurista e religião católica. Casado com Marcela há 13 anos, sendo 43 anos mais velho que ela. (FRAZÃO,2016).

No discurso proferido no dia 8 de março de 2017 no auditório com participação de políticos, jornalistas, sua esposa dentre outros, não atende na totalidade as mulheres brasileiras. Pois, as mulheres, principalmente negras, ainda permanecem em situações de vulnerabilidade na sociedade.

O presidente coloca-se de pé e o discurso é lido. Segundo Arendt (2000), os gregos manifestam o locus público por meio de ações políticas que concebem as capacidades humanas mais superiores: a ação e o discurso. Estas ações políticas se concretizam através das palavras, logo, de forma que o discurso se propaga como estratégia de persuasão.

Para Goffman (2011, p. 78), o porte da dimensão moral da vida em sociedade presume:

é um elemento do comportamento cerimonial do indivíduo tipicamente comunicado através da postura, vestuário e aspecto, que serve para expressar àqueles na presença imediata dele que ele é uma pessoa de certas qualidades desejáveis ou indesejáveis. Em nossa sociedade, o indivíduo de porte 'bom' ou 'apropriado' demonstra atributos como: discrição e sinceridade; modéstia em afirmações sobre o eu; espírito esportivo; controle sobre suas emoções, apetites e desejos; apuro sob pressão; e assim por diante.

Para análise dos dados foi adotada a análise do discurso utilizando a referenciação que discorrerá sobre a semiologia da língua, a dialética da significação e construção de sentidos dos enunciados sobre a temática de gênero, em relação ao posicionamento da mulher no Brasil, para quais mulheres e qual o seu ou seus lugares na sociedade machista brasileira. Considera-se no estudo, gênero como construção de sentidos socioculturais produzidos para a explicação sobre as diferenças sexuais, tais sentidos mostram tais relações de poder como assimétricas e desiguais (SCOTT, 1994).

O discurso buscou apresentar formas linguísticas, como prática discursiva através do discurso Homenagem, e como prática social que tem vários efeitos ideológicos. (HANKS,2008).

A fonte do dado foi extraída do Palácio do Planalto contém cerca de 1516 palavras e na qual realizou-se recortes para a análise. As palavras: desigualdade, poder, igualdade, trabalho, liderança ou líder, cargos não foram mencionados no discurso.

Enfim, cada língua tem, portanto, sua semântica própria e é por meio dela que os mundos são representados e construídos concretamente. Na semântica particular percebe a diversidade das semantizações dos mundos representados que se origina uma parte importante das variações entre as culturas humanas. (BRONCKART,1999). A linguagem reporta a realidade, de forma que o locutor representa a realidade, a sua experiência do acontecimento através do discurso e o destinatário recria essa realidade. (BENEVENISTE, 1991).

4 RESULTADOS E ANÁLISE

Na sequência a seguir apresenta-se a estrutura da análise. Foram analisados alguns parágrafos que refletem a maioria das informações contidas nos seis primeiros, que foi foco do estudo.

1.*Quem produz o discurso:* o discurso é pronunciado pelo atual Presidente da República do Brasil, na ocasião do Dia Internacional da Mulher, oito de março de 2017.

2. *O lugar simbólico:* O sujeito ocupa o lugar do maior representante do país, com elevado poder, porém sofre moderações das instâncias legislativa e judiciária. Não está sendo levado em conta a sua legitimidade perante o povo brasileiro. Cita-se o primeiro trecho do discurso: “Olha, eu quero, em primeiro lugar, naturalmente, saudar indistintamente a todos, aos que estão à mesa, e aqueles que estão no auditório. E vejo que está sendo extremamente prestigiado este evento pela bancada feminina da Câmara e do Senado”.

3.*Para quem ele é direcionado:* o discurso foi direcionado a população brasileira, principalmente as mulheres com vieses de classe, raça e gênero. Pois, nem todas as mulheres tem condições ou quer permanecer em casa cuidando dos filhos, do marido e economia doméstica conforme a fala: “o quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos. E, portanto, se a sociedade de alguma maneira vai bem, quando os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada educação e formação em suas casas. E seguramente isso quem faz não é o homem, isso quem faz é a mulher”.

Reforça um posicionamento da era romana em que o foco da família era o homem, e as mulheres, no geral, simplesmente coadjuvantes, típico do sistema patriarcal (NARVAZ; KOLLER, 2006; ENGELS, 1972). “Que aqui e fora do Brasil, em outras partes do mundo, a mulher ainda é tratada como se fosse uma figura de segundo grau, quando na verdade, ela

deve ocupar o primeiro grau em todas as sociedades'. Nesta situação reforça o que Saffioti (2011), o patriarcalismo constitui a dinâmica social como um todo, de forma que a dominação social está fundamentada na exploração dos homens sobre as mulheres, sendo reproduzida no dia a dia em decorrência de estar na inconsciência de homens e mulheres e no coletivo.

4.1 Análise textual e linguística

4.1.1 No primeiro parágrafo do discurso foram percebidos que: 1. auditório x uso coloquial- aproximação e ethos - cena enunciativa; 2. enunciados concretos - discurso presidencial – situação tributária do cargo - homenagem – ethos e pathos e; 3. uso da palavra – escolhas lexicais; uso de pronomes; repetição; modalização.

“[...] e aqueles que estão no auditório. E vejo que está sendo extremamente prestigiado este evento pela bancada feminina da Câmara e do Senado [...] importância da recordação anual que se faz do Dia Internacional da Mulher. E eu vejo como é importante, ou como são importantes, essas solenidades, que não basta marcar no calendário o Dia da Mulher, é preciso comemorá-lo. E comemorá-lo significa recordar a luta permanente da mulher por uma posição adequada na sociedade”.

Uma bancada feminina apesar de reduzida na atualidade, foi resultado da primeira onda do movimento feminino. A primeira onda ocorreu na Inglaterra a partir da organização das mulheres em lutar por seus direitos civis e políticos básicos, como o voto. O voto foi concedido às mulheres no Reino Unido em 1918. Dois fatos marcaram esse primeiro momento foram as sufragistas com as mulheres sendo presas e fazendo greve de fome e a morte da feminista Emily Davison que se jogou em frente ao cavalo do Rei e morreu em 1913. No Brasil teve movimento semelhante devido à ativista e bióloga Bertha Luz, que retornou do exterior em 1910 e iniciou a luta em favor do voto. (PINTO, 2010; SILVA; SANTOS, 2016; BRANDT; LAVARDA; LOZANO, 2017).

O direito ao voto ocorreu em 1932 com a promulgação do Novo Código Eleitoral Brasileiro. O fato brasileiro que marcou esse período foi o movimento das operárias (costureiras, chapeleiras e de outras classes similares) com ideologia anarquista (PINTO, 2010; SILVA; SANTOS, 2016; BRANDT; LAVARDA; LOZANO, 2017). No entanto, os ideais burgueses foram alardeados na classe trabalhadora e das correntes socialistas em geral, privilegiando a categoria classe em detrimento de gênero e raça (HITA, 2002). Mesmo assim, na política, o sistema patriarcal se faz presente associando os homens ao espaço público e as mulheres ao espaço privado afora o peso do poder econômico no sistema eleitoral que favorece aos homens.

Segundo IBGE (2018), a presença feminina na política no ano de 2017 correspondia a 10,5% na Câmara dos Deputados e no senado somente 16% no Brasil e no mundo 23,6%. No Brasil foi devido a obrigatoriedade de cotas sendo 30% no mínimo e no máximo 70% de candidaturas de cada sexo, por cada partido ou coligação partidária, lei n.12.034 de 29 de setembro de 2009. E nos cargos ministeriais somente 7,1% (IBGE,2018).

4.1.2 No segundo e terceiro parágrafo percebe-se que: 4. conteúdo temático – questões de ordem ideológica – repertório sócio histórico e cultural; 5. construção de sentido – referência e 6. atitude responsiva do interlocutor- auditório.

“[...] luta permanente que a mulher vem fazendo ao longo do tempo no Brasil e no mundo. Que aqui e fora do Brasil, em outras partes do mundo, a mulher ainda é tratada como se fosse uma figura de segundo grau, quando na verdade, ela deve ocupar o primeiro grau em todas as sociedades”. “Eu digo isso com a maior

tranquilidade, porque eu tenho absoluta convicção, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela, o quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos [...]”.

Nestes trechos, percebe-se a dominação masculina e a busca de uma mulher ideal, como a referente Marcela, cujo o espaço doméstico compõe a ideologia masculina, como o lugar ideal para a mulher, com a função de cuidadora. Indaga-se para qual mulher, pois na segunda onda feminina em 1960 as mulheres passaram a questionar a questão de diferença sexual inata e uma crítica à ausência da mulher nas teorias sociológicas tradicionais, com o funcionalismo (divisão sexual do trabalho, papéis femininos e masculinos). Nesta onda percebe-se a perda do poder da igreja, mudanças relevantes em relação ao direito ao próprio corpo, a sexualidade (lançamento da pílula anticoncepcional, primeiro nos Estados Unidos e a posterior na Alemanha), a divisão de tarefas e continuidade a luta da primeira onda (PINTO, 2010; SILVA; SANTOS, 2016).

Em relação da luta das mulheres na primeira frase do parágrafo, refere-se a questão da baixa participação feminina nos cargos de gestão no Brasil, que segundo o IBGE (2018) no ano de 2016 somente 39,1% ocupavam estes cargos. Este enunciado não faz sentido, pois é histórico o fato de que as mulheres se deparam com o *Glass Ceiling* nas empresas (BENTO,1995;YAP;KONRAD,2009; MADALOZZO,2011; VRAVEC;BAČIK,2012; LIMA; CARVALHO NETO; LIMA; TANURE; VERSIANI ,2013; VAZ, 2013; COOK; GLASS, 2014; SANTOS; DIOGO; SHUCMAN,2014; SANTOS et al.,2016; BAZAZO; NASSEEF; MUKATTESH; KASTERO; AL-HALLAQ,2017; ARAÚJO; VASCONCELOS, 2018).

4.1.3 No quarto, quinto e sexto parágrafos percebe-se 7. uso de discurso retórico: repetição, uso do eu, perguntas recursivas, jogo presente versus passado; locuções adverbiais, elementos coesivos interfrásticos.

“Então, ter essas solenidades como esta, que nós estamos comemorando [...] é recordar o que está sendo recordado pelos discursos e pelas palavras que nós estamos agora pronunciando. [...]e aqui eu recordo, mais uma vez, só para dizer do absurdo e, muitas vezes da nossa história, que a mulher só começou a votar [...]. A mulher representa, e representava, no passado, 50% da população brasileira. E, sem embargo disso, o fato é que 50% estava excluído. Portanto, a representação que antes que se fazia era uma representação política de pé quebrado. Era uma representação de 50%, quem sabe, da população brasileira. Mas [...] com grande satisfação, que a mulher foi conseguindo o seu espaço”.

A participação feminina no eleitorado era baixa até porque somente em 1955 através do Decreto Legislativo número 123 foi aprovado a Convenção sobre os direitos Políticos das Mulheres possibilitando elas o direito ao voto e condições de igualdade nas funções públicas (BRASIL,1955).

“[...] quando criei a primeira Delegacia da Mulher, parece um fato extraordinário, não é? Mas era uma consequência natural [...] e até conto muito rapidamente [...]. Eu era [...] veio a mim [...]. E aqui comigo logo surgiu [...]. Por que que eu não coloco [...]”.

Neste enunciado percebe a presença de: 8. exemplificação, 9. tempo verbal e 10. pergunta retórica -força argumentativa.

“[...] quando criei a primeira Delegacia da Mulher, parece um fato extraordinário, não é? Mas era uma consequência natural da luta das mulheres e até conto muito rapidamente como isso se deu. Eu era secretário da Segurança Pública em São Paulo, pelos idos de 85, quando uma comissão de mulheres veio a mim e me contou, naturalmente, das violências que sofriam, da mais variada natureza, e do mau atendimento que tinham nas delegacias porque eram atendidas por homens, pelo escrivão, pelo investigador, pelo delegado [...]”.

A violência contra a mulher é uma realidade assustadora, principalmente em sociedades machistas, típica patriarcal. Este tema vem sendo discutido desde a terceira onda feminina na década de 90 que ampliou a discussão das ondas anteriores e do feminismo em si, buscou as demandas individuais oprimidas, como as mulheres negras. O movimento converge para um processo de profissionalização através da criação de Organizações Não-Governamentais (ONGs), visando aprovar medidas preventivas para as mulheres e buscar maior participação na política. O foco central era a mulher vítima de violência, sobretudo a violência doméstica. Foi aprovado a Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006), para a prevenção e combate à violência contra mulher (PINTO, 2010; COSTA, 2011; SILVA; SANTOS, 2016; BRANDT et al., 2017).

Esse diálogo reflete, por meio das escolhas lexicais, do repertório vocabular, coerência, enquadramento de tópico, conhecimentos partilhados, interação, efeitos de sentido e atividades cognitivas (MONDADA; DUBOIS, 2003).

Ela teve tanto sucesso, ministro Imbassahy, que a primeira delegada da mulher logo depois foi eleita deputada estadual, tamanha repercussão que se verificou, e eleita, naturalmente, pelas mulheres. E ao depois, quando voltei a ser secretário da Segurança, tempos depois, havia praticamente mais de 90 delegacias da Mulher no estado de São Paulo e no Brasil. É um reconhecimento, portanto, da posição da mulher no conserto nacional.

4.1.4 No sétimo, décimos e décimos terceiro parágrafos percebe signos, faces da palavra e o contexto real.

“Tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.31).

Eu estou falando de um período que antecede a Constituinte de [19]87 e [19]88, pois, precisamente, senador Medeiros, em função destes fatos que estou relatando, é que na Constituinte, quando as constituições anteriores diziam todos são iguais perante a lei. A Constituinte de 88 decretou: homens e mulheres são iguais em direitos e deveres. Parece de pouca significação, mas significa inserção na estrutura do Estado brasileiro, portanto, o próprio Estado brasileiro, a ideia de que os direitos e deveres são iguais para homens e mulheres.

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.117).

De modo que, ao longo do tempo as senhoras, as mulheres, deram uma colaboração extraordinária ao nosso sistema. E hoje, como as mulheres participam intensamente de todos os debates, eu vou até tomar a liberdade de dizer que na economia também, a mulher tem uma grande participação. Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes, por exemplo, de preços em supermercados do que a mulher. Ninguém é capaz de melhor detectar as eventuais flutuações econômicas do que a mulher, pelo orçamento doméstico maior ou menor.

Os discursos são atividades de enunciação em condições históricas e sociais, que torna a interação uma matriz de sentidos, ideologicamente construídos, decorrente da posição social, histórica e cultural de cada ser humano em seu contexto/realidade concreta (VOLÓCHINOV, 2017).

“[...] as mulheres, sem embargo das dificuldades, têm uma possibilidade de empregabilidade que não tinham no passado. Então, a queda da inflação que nós estamos assistindo, a queda dos juros, o superávit recorde da nossa balança

comercial, o crescimento do investimento externo, tudo isso significa empregos. E significa também que a mulher, além de cuidar dos afazeres domésticos, vai vendo um campo cada vez mais largo para o emprego. Porque hoje homens e mulheres são igualmente empregados. Com algumas restrições ainda. Mas a gente vê em muitas reportagens, das mais variadas, como a mulher hoje ocupa um espaço executivo de grande relevância.

A empregabilidade está relacionada com a condição do indivíduo está ocupado formalmente. Ressalta-se a importância desta ocupação mediante a precariedade do trabalho vivenciada nos últimos anos com a terceirização e informalização (HELAL, 2005). Sendo uma preocupação constante dos não empregados para a economia.

Enfim, o sentido construído ao longo do discurso não atende a maioria da população em diversos fragmentos e retoma-se as perguntas iniciais, apesar de ter sido uma tentativa de reaproximação, pois há diversos tipos de mulheres e algumas delas buscam autonomia e libertação do jogo doméstico e que dão conta de educar seus filhos mesmo longe de casa, pois a situação econômica do cônjuge não dá o suporte necessário para criar uma família visando uma boa escolaridade e qualidade de vida. Sugere-se que a mulher em referência pertença a uma casta superior.

Segundo Ducrot (1984, p.419), “desde que haja um ato de fala, um dizer, há uma orientação necessária para aquilo que não é o dizer. E esta orientação que podemos chamar “referência”, chamando “referente” ao mundo ou objeto que ela pretende descrever ou transformar. O referente de um discurso não é assim, como por vezes se diz, a realidade, mas sim a sua realidade, isto é, o que o discurso escolhe ou institui como realidade.”

O sentido da totalidade para Volóchinov (2017) do enunciado será chamado de seu tema. Ele expressa a situação histórica que gerou o enunciado. Para Ducrot (1984), sentido é a forma de representação do objeto.

No quadro 2 apresenta-se os princípios textuais e linguísticos dos parágrafos analisados.

Recursos Textuais e linguísticos	Referente	Referência
1.Aproximação - auditório	Sob uma perspectiva de linguagem como atividade (o que está sendo feito quando se faz enunciações?) Para ele, a capacidade de expressar uma crença ou um propósito do enunciador vem precisamente da situação de comunicação de cuja dependência ela (a sentença) devia libertar o significado. Ao enunciar algo, dirigindo-se a uma determinada audiência, o enunciador pretende levá-la a pensar que ele o faz a partir de uma opinião.	FREGE (1982, p. 204)
2.Ethos – cena enunciativa. Discurso presidencial – situação inerente do cargo - homenagem- <i>Ethos e pathos</i>	Enunciado: algo que se formou e se definiu de algum modo no psiquismo do indivíduo e é objetivado para fora, para os outros com a ajuda de alguns signos externos. Ethos e pathos são muito usados nos discursos argumentativos,	VOLÓCHINOV,2017 DUCROT, 1984 GALINARI,2014

	visando construir e reconstruir virtudes intelectuais o enunciador coerente para obter reconhecimento racional e afetivo.	
3. Uso da palavra – escolhas lexicais; uso de pronomes, repetição, modalização	A palavra pode ter um valor mágico, quando as pessoas creem que ela pode desencadear pela sua eficácia, os acontecimentos desejados ou as ações ordenadas. Para Volóchinov, a palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.	DUCROT, 1984 (p. 419) VOLÓCHINOV,2017 MONDADA; DUBOIS,2003 BRONCKART,1999
4. Conteúdo temático – questões de ordem ideológica- repertório sócio histórico e cultural	O tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem – palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons e entonação, mas também pelos aspectos extraverbiais da situação. O tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence.	VOLÓCHINOV,2017
5. Construção de sentido – referência para a referente mulher	O estatuto do referente (objeto em si) é considerado interno ao próprio discurso: falo do mundo, mas de um mundo construído pelo discurso. A existência daquilo a que me refiro, portanto, não é física, mas discursiva.	DUCROT ,1984 (p.433-35)
6. Atitude responsiva do interlocutor- auditório	Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. Além da validade circunscrita as condições históricas, as quais pertence, a referência constitui-se também a partir da validade que emerge das relações existentes entre os objetos construídos pelo próprio discurso, identificados a partir de propriedades calcadas na enunciação e na inter-relação com outras enunciações.	VOLÓCHINOV,2017 FREGE,1982, LOPES,2004
7. Uso de discurso retórico: repetição, uso do eu, perguntas recursivas, jogo presente versus passado, locuções adverbiais, elementos coesivos interfrásticos.	A visão de linguagem como ação, em um meio social e cultural. O “eu” é a marca mais evidente para que o ato enunciativo se configure como histórico. Mesmo que seja um acontecimento fugaz, que se apaga depois do ato de enunciação, ele guarda as marcas determinadas pela história e pela cultura.	BENEVENISTE, 1989 LOPES,2004

	A instabilidade / estabilidade de objetos de discurso pode ser demonstrada no meio de anáforas como: modalização do descritor, por força de crenças, opiniões, repetições e redundâncias.	MONDADA; DUBOIS,2003 BRONCKART,1999
8. Exemplificação	Uso de signos que corresponde a combinação do conceito e da imagem acústica.	SAUSSURE,1972, p.81
9. Tempo verbal	Teoria dos papéis temáticos dos verbos podendo conotar uma anáfora indireta.	MARCUSCHI,2005
10. Pergunta retórica -força argumentativa	A retórica finaliza de forma a repercutir em um excesso de zelo com a língua, representado pela busca da eficiência na expressão do próprio pensamento.	LOPES,2004

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do estudo foi realizar uma análise discursiva utilizando a referenciação sobre o posicionamento da mulher no Brasil, para quais mulheres e qual o seu ou seus lugares na sociedade machista brasileira.

Muitas mulheres ainda se encontram em situação de subalternidade no espaço público e em alguns momentos no espaço privado, local primário da violência doméstica contra a mulher. As mulheres vêm lutando a décadas e houve muitos ganhos e avanços, mas alguns pontos ainda permanecem nevrálgicos como a desigualdade de poder e a salarial, mesmo a mulher tendo mais anos de estudo que o homem. Qual espaço a mulher deve ocupar na sociedade vai depender da vontade dela pois o espaço é livre e amplo e cada um pode demonstrar sua competência. O enunciado atende uma pequena parcela da população feminina devido a existência de uma infinidade de mulheres. O discurso é histórico, retórico e inflame o superego, com o eu em alguns momentos.

O quadro de análise explorado neste texto nos permitiu apresentar a dimensão discursiva da atividade referencial decorrente das relações intersubjetivas instauradas pelos interlocutores mediante os recursos linguísticos (MARCUSCHI, 2004).

O texto traz potenciais de sentidos, realizados apenas na produção do discurso; o discurso vem de alguém e dirige-se a alguém (ou seja, é “endereçado”), o que modula sua arquitetônica, e traz em si um tom avaliativo, ao mesmo tempo em que remete a uma compreensão responsiva ativa da parte do seu interlocutor típico – nos termos do gênero no qual se insere como fatores marcantes no processo de referenciação de um objeto.

O texto exhibe indícios (ou marcas) de gênero de modo imediato, mas não de maneira transparente, e a discursividade é assim uma mediação constitutiva entre gênero e texto, ou seja, o discurso é mobilizado pelo gênero e mobiliza o texto. No entanto, o “eu” é reforçado a todo instante, bem como, sintagma nominal, verbal, pronominal, preposicional, adverbial e adjetival. (KOCH,2005).

Enfim, “a referenciação não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação as finalidades práticas e as ações em curso dos enunciadores”. (MONDADA,2001, p.9).

O estudo tem como contribuição a interconexão entre as diversas áreas do saber, ao sincronizar no caso do estudo, a referenciação discursiva comumente utilizada na área de

letras, com a aplicação nos estudos organizacionais. As limitações perpassam por não ter explorado detalhadamente em sua completude todo o discurso, apenas recortes. Para futuros trabalhos, a sugestão seria relacionar este discurso com o discurso de 2018.

REFERÊNCIAS

- AKPINAR-SPOSITO, Cansu. **Women in Management Research: Theoretical Perspectives**. 4eme Franco-Tch`eque Trends in International Business, Lyon, France,2013.
- ARAÚJO, Fernanda S.; Vasconcellos, Bruna M. de. Vivenciando o ser mulher em uma mina de carvão. **Revista Estudos Feministas**, vol.26, n.1, e44967, jan.2018.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000.
- BAZAZO, Ibrahim; NASSEEF, Mohammad A.; MUKATTESH, Batool; KASTERO, Duha; AL-HALLAQ, Mohammad A. Assessing the glass ceiling effect for women in tourism and hospitality. **Journal of Management and Strategy**, v.8, n.3, p.51-66, jun.2017.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. (Tradução Eduardo Guimarães) 3ª ed. - Campinas, S.P.: Pontes, 1989 (vol. II).
- BENTO, M.A.S. A mulher negra no mercado de trabalho. **Estudos feministas**, ano 3, n.2,1995, p.479-488.
- BRASIL. Palácio do Planalto. **Discurso do Presidente da República**. Recuperado em: <https://gestaoconteudo.presidencia.gov.br/gestao_planalto/acompanhe-planalto/discursos/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-comemoracao-pelo-dia-internacional-da-mulher-brasilia-df>. Acesso 01 jul 2018.
- BRASIL. Documento das Nações Unidas n. 135, de 31.3.1953. **Convenção dos Direitos Políticos das Mulheres**. Aprovada pelo Decreto Legislativo n.º 123, de 30.11.1955. Ratificada pelo Brasil em 13.8.1963. Em vigor no Brasil em 11.11.1964. Promulgada pelo Decreto n.º 52476, de 12.9.1963. Publicação no DO de 17.9.1963.
- BRANDT, Jaqueline Z.; LAVARDA, Rosália A. B.; LOZANO, Marie-Anne S.P.L. Estratégia-como-prática social para a construção da perspectiva de gênero nas políticas públicas em Florianópolis. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.51, n.1, p. 64-87, jan./fev. 2017.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos** – por um interacionismo sócio-discursivo. (Tradução Anna Rachel Machado, Pérciles Cunha), São Paulo: EDUC, 1999.
- CARVALHO FILHO, Juarez L. Rituais de interação na vida cotidiana: Goffman, leitor de Durkheim. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 15, n.4, set./dez 2016.
- CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez,2014.
- CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 2 eds. São Paulo: Outras expressões, 2015.
- COOK, Alison; GLASS, Christy. Women and top leadership positions: towards and institutional analysis. **Gender, Work and Organization**, v.21, n.1, p. 91-103, jan.2014
- COSTA, Alcântara A. A. El movimiento feminista en Brasil: dinámicas de una intervención política. **Hojas de Warmi**, v.16, p.1-40,2011.

- COSTA, Camila. **Aprovação de Temer cai a 10%; 92 % veem país no rumo errado.**
Publicado em 26 de abril de 2017. Recuperado em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39713534>. Acesso em 10 julho de 2018.
- ENGELS, Frederick. **The origin of the family, private property, and the state.** Edited by Eleanor Leacock. New York: International Publishers, 1972.
- FRANCHI, Carlos. **Linguagem - Atividade Constitutiva.** Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, São Paulo, n. 22, p. 9-39, 1992.
- FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Michel Temer.** Publicado em 9 de setembro de 2016.
Recuperado em: < https://www.ebiografia.com/michel_temer/>. Acesso em 10 de julho de 2018.
- GALINARI, Melliandro M. Logos, Ethos e Pathos: “três lados” da mesma moeda. **Alfa**, São Paulo, v.58, n.2, p.257-285, 2014.
- GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, Editora Atlas, 2002.
- GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face.** Petrópolis: Vozes, 2011.
- GONÇALVES, Carlos A.; MEIRELLES, Anthero M. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** São Paulo: Editora Atlas, 2004.
- HANKS, William. O que é contexto? In: HANKS, W. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin.** São Paulo: Cortez, 2008, p.169-203.
- HITA, Maria G. **Igualdade, identidade e diferença(s): feminismo na reinvenção de sujeitos.** Em Buarque de Almeida, H. et al. (orgs) **Gênero em Matizes.** EDUSF, São Paulo, 319-351, 2002.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica**, n.38. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=288941>>. Recuperado em: Acesso em: fev. 2018.
- KOCH, Ingedore G.V. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I.G.V.; MORATO, E.; BENTES, A.C. **Referenciação e discurso.** São Paulo: Contexto, p. 33-52.
- LIMA, Gustavo S.; CARVALHO NETO, Antônio M.; LIMA, Marcelo S.; TANURE, Betânia; VERSIANI, Fernanda. O teto de vidro das executivas brasileiras. **Pretexto**, v.14, n.4, p.65-80, out./ dez. 2013.
- LOPES, Maria Ângela P. T. Referenciação e gênero textual – atividades sócio-discursivas em interação. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. de (Org.). **Gêneros: reflexão em análise do discurso.** Belo Horizonte: NAD/POSL in, FALE/UFMG, 2004, p.205-219.
- LOPES, Maria Ângela P. T. Eventos de leitura no espaço acadêmico – representações sociais no processo de referenciação do gênero charge. In: BARROS, E. M. D.; STORTO, L. J. (Org.) **Gêneros do jornal e ensino: práticas de letramentos na contemporaneidade.** São Paulo: Pontes, 2017, p. 241-264.
- MACHADO, Lina Z. Campo intelectual e feminismo: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero. **Série Antropologia.** 170. Departamento de Antropologia da UNB. Brasília, 1994.
Recuperado em >: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie170empdf.pdf>. Acesso em 10 julho de 2018.

- MADALOZZO, Regina. CEOs e Composição do Conselho de Administração: a Falta de Identificação Pode Ser Motivo para Existência de Teto de Vidro para Mulheres no Brasil? **Revista de Administração Contemporânea**, v.15, n.1, p.126-137, jan./ fev. 2011.
- MARCUSCHI, Luis A. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI et al. (Org.). **Sentido e Significação**. Em torno da obra de Rodolfo Ilari. 01ed.São Paulo: Contexto, 2004, p. 263-284.
- MARCUSCHI, Luis A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In. KOCH, I.G.V.; BENTES, A.C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**, SP: Contexto,2005, p.53-101.
- MONDADA, Lorenza. Gestion du topique et organization de la conversation. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n.41, jul/dez. 2001.
- MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In. CAVALCANTE, Monica M. RODRIGUES, Bernadete B. e CIULLA, Alena. (Orgs.) **Referenciação**. SP: Contexto, 2003, p.17-52.
- MIES, Marie; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Lisboa: Epistemologia e Sociedade,1993.
- NARVAZ, Martha G.; KOLLER, Sílvia H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, v.18, n.1, p.49-55, jan./abr. 2006.
- PINTO, Céli R. J. Feminismo, História e Poder. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, 2010.
- PIRES, Maria Raquel G.M, FONSECA, Rosa M.G.S.; PADILLA, Beatriz. Polity of care in the criticism towards gender stereotypes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.69, n.6, p.1156-62, nov. /dez. 2016.
- POSSENTI, Sírio. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- QUATTROCCHI, Paula; FLORES, Cláudia; CASSULLO, Gabriela. et al. Motivación y género en la elección de carrera. **Revista de Educación y Desarrollo**, v.41, p.27-35, abr./ jun. 2017.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia da SBP**, v.12, n.1, p.1-17, 2004.
- SAFFIOTI, Heleieth. A questão da mulher na perspectiva socialista. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 27, 2011.
- SANTOS, Elisabete F. dos; DIOGO, Maria F.; SHUCMAN, Lia V. Entre o não lugar e o protagonismo: articulações teóricas entre trabalho, gênero e raça. **Caderno de Psicologia Social do Trabalho**, v.17, n.1, p.17-32, jun.2014.
- SARTI, Cynthia A. O feminismo brasileiro desde os anos 70: revisando uma trajetória. **Estudos feministas**, v.12, n.20, p. 35-50, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand. A natureza do signo linguístico. In. SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix,1972, p.79-84.
- SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? **Estudos Feministas**, v.16, n.1, p. 173-186, 2008.
- SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, v.3, p.11-27,1994.
- SILVA, Bruna C. S.L.; SANTOS, Thays C.C. O que é feminismo e quais são suas vertentes (p.40-49). In: RAMOS, Marcelo M.; NICOLI, Pedro G.A.; BRENER, Paulo R. G. (Orgs). **Gênero, Sexualidade e Direito: Uma introdução**, Initia Via, 2016, p.40-49.

- SOUZA, Eloisio M., SOUZA, Susane P.; SILVA, Alfredo R. L. O pós-estruturalismo e os estudos críticos de gestão: da busca pela emancipação à constituição do sujeito. **Revista de Administração Contemporânea**, v.17, n.2, p.198-217, 2013
- VARIKAS, Eleni. Max Weber, a gaiola de aço e as senhoras. In. CHABAUD-RYCHTER, Danielle; DESCOUTURES, Virgine; VARIKAS, Eleni (Orgs): **O gênero nas ciências sociais**: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour. São Paulo: Editora Unesp, Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília ,2014, p.423-442.
- VAZ, D.V. O teto de vidro nas organizações públicas: evidências para o Brasil. **Economia e Sociedade**, 22(3), p.765-790, dez.2013.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais dos métodos sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo – Editora 34, 2017.
- VRAVEC, J., BACIK, R. Discrimination of women in the labour market of sr and models of discrimination. **Polish Journal of Management Studies**, v.5, p. 280-293, 2012.
- YAP, M. & KONRAD, A.M. Gender and racial differentials in promotions: is there a sticky floor, a mid-level bottleneck, or a glass ceiling? *Industrial Relations*, 64 (4), 2009, 593-619.
- YIN, Robert K. The Case Study Crisis: some answers. **Administrative Science Quartely**, Cornell University, v.26,1981, p.58-65.